

SIMPÓSIO AT128

A PERSUASÃO DOS NARRADORES EM *MAYOMBE*, DE PEPETELA

BARBOSA, Dayse Oliveira
Universidade de São Paulo
oliveirab2010@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo evidenciar como os diferentes narradores dos subcapítulos do romance *Mayombe*, intitulados “*Eu, o narrador, sou...*” – na sequência, o nome do narrador personagem – visam à persuasão do leitor a favor da guerra de independência angolana. O romance *Mayombe* é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente, que pode ser considerado o narrador principal do enredo. Os subcapítulos “*Eu, o narrador, sou...*” inserem-se nos capítulos do romance comentando e, às vezes, esclarecendo sobre um acontecimento da narrativa. Cada um desses subcapítulos é narrado em primeira pessoa, por um narrador-personagem, que apresenta ao leitor o próprio ponto de vista acerca de uma ocorrência importante do enredo. Ao inserir vários narradores na obra, o narrador principal demonstra que a guerra de independência angolana foi formada por diferentes pontos de vista. Cada um desses narradores utiliza-se de significativas estratégias de persuasão para sustentar seu ponto de vista. Ao analisarmos, a partir dos estudos de Ingedore Koch, Vanda Maria Elias, Luiz Antônio Ferreira e Fábio Souza Trubilhano as estratégias de persuasão presentes nos subcapítulos “*Eu, o narrador, sou...*”, compreende-se com maior clareza que o ponto de vista sustentado por cada um dos narradores-personagem é construído de acordo com a etnia e o lugar social ocupado por aquele narrador. Dessa forma, depreende-se que o ponto de vista nunca é neutro, mas marcado pelos posicionamentos adotados por quem “olha”, no caso de *Mayombe*, o narrador em terceira pessoa e os narradores-personagem.

Palavras-chaves: persuasão, narrador, Angola, guerra de libertação, romance.

Resumen: Esta investigación tiene por objetivo manifestar como los diferentes narradores de los subcapítulos de la novela *Mayombe*, titulados “Yo, el narrador, soy...” – a continuación, el nombre del narrador personaje – quiere persuadir al lector en favor de la guerra de independencia angoleña. La novela *Mayombe* es narrada en tercera persona, por un narrador omnisciente, que puede ser considerado como el narrador principal de la trama. Los subcapítulos “Yo, el narrador, soy...” se insertan en los capítulos de la novela comentando y, a veces, aclarando sobre un suceso de la narrativa. Cada uno de esos subcapítulos es narrado en primera persona, por un narrador-personaje, que le presenta al lector su propio punto de vista acerca de un hecho importante de la trama. Al insertar varios narradores en la obra, el narrador principal demuestra que la guerra de independencia angoleña fue formada por diferentes puntos de vista. Cada uno de esos narradores utiliza significativas estrategias de persuasión para defender su punto de vista. Al analizar, a partir de los estudios de Ingedore Koch, Vanda Maria Elias, Luiz Antônio Ferreira e Fábio Souza Trubilhano las estrategias de persuasión presentes en los subcapítulos “Yo, el narrador, soy...”, se entiende de forma más clara que el punto de vista defendido por cada uno dos narradores-personaje se construye según la etnia y el lugar social ocupado por aquel narrador. De esa forma, se concluye que el punto de vista nunca es neutro, y sí, marcado por las posiciones adoptadas por el que “observa”, en el caso de *Mayombe*, el narrador en tercera persona y los narradores-personajes.

Palabras-claves: persuasión, narrador, Angola, guerra de liberación, novela.

Introdução:

Este trabalho visa ao estudo das estratégias de persuasão empregadas nos subcapítulos intitulados *Eu, o narrador, sou (nome do narrador)*, do romance *Mayombe*, evidenciando como esses subcapítulos apresentam diferentes pontos de vista que contribuem significativamente para a complexidade do romance.

Mayombe, romance escrito por Pepetela, foi publicado originalmente no início da década de 1980, e recebeu o Prêmio Nacional de Literatura Angolana. Pepetela nasceu na cidade de Benguela, em Angola, em 1941. Licenciou-se

em Sociologia, em Argel, durante o exílio. Foi guerrilheiro pelo MPLA (Movimento Para Libertação de Angola) e político. Desde a década de 1980, Pepetela é professor universitário e dedica-se intensamente a atividades culturais.

Mayombe narra um fragmento da guerra de libertação angolana. O romance divide-se em cinco capítulos – A missão, A base, Ondina, A surucucu e A amoreira – e epílogo.

Mayombe é uma floresta tropical localizada em Angola. Nessa floresta transcorrem os principais acontecimentos do romance, que são os embates entre os guerrilheiros angolanos com os portugueses.

Apenas os guerrilheiros angolanos (17 no total) e a professora (Ondina) que leciona para as crianças angolanas de Dolisie, onde é a base de guerra – núcleo do segundo capítulo do romance –, são nomeados. Os portugueses são tratados genericamente por *tugas*.

O romance é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente; contudo, é notável em todos os capítulos a inserção de subcapítulos narrados em primeira pessoa. Todos esses subcapítulos nomeiam-se *Eu, o narrador, sou (nome do narrador)*. Dos 17 guerrilheiros, apenas nove, que ocupam papel estratégico nas operações de guerra, narram esses subcapítulos.

Ao todo são 14 inserções de *Eu, o narrador, sou (nome do narrador)* e o epílogo, que recebe como título *O narrador sou eu, o Comissário Político*. É interessante notar que esses subcapítulos decrescem no transcorrer dos capítulos do romance. Assim, o capítulo A missão apresenta seis inserções; o capítulo A base, apenas três inserções; os capítulos Ondina e A surucucu, duas inserções cada capítulo; A amoreira, somente uma inserção. O epílogo é todo narrado pelo Comissário Político, datado em 1971.

A partir dessa data e das informações contidas no epílogo é possível inferir que os acontecimentos da narrativa passaram-se no final da década de 1960, apogeu da guerra de libertação angolana.

Percebe-se a importância crucial dos subcapítulos *Eu, o narrador, sou (nome do narrador)*, na construção do romance *Mayombe*. Esses subcapítulos, por serem narrados em primeira pessoa, por diferentes narradores, agregam

pontos de vista distintos à narrativa. Cada narrador utiliza-se de estratégias de persuasão para sustentar seu ponto de vista e, conseqüentemente, acrescentar maior complexidade à obra.

1. Eu, o narrador, sou (nome do narrador) :

Trubilhano (2013), na primeira parte de sua tese de doutorado, expõe que:

Todo discurso cuja finalidade for persuadir deverá ser confeccionado visando às características e peculiaridades do auditório ao qual se destina, sob pena de a tonalidade argumentativa restar prejudicada ou mesmo ineficaz. (TRUBILHANO, 2013, p.19)

No caso do romance, o auditório são os leitores, visto que nesse gênero textual não há interação face-a-face.

Os potenciais leitores dessa obra são pessoas interessadas em literatura de países africanos de língua portuguesa, em especial, literatura angolana em prosa; pessoas que querem conhecer ou que apreciam o estilo de escrita de Pepetela; pessoas que se interessam por literatura que narram acontecimentos de guerra, principalmente, guerra de independência.

Conforme já foi mencionado, apenas os guerrilheiros angolanos que ocupam papel de destaque nas operações de guerra é que narram os subcapítulos *Eu, o narrador, sou (nome do narrador)*. Ao narrarem em primeira pessoa, eles imprimem uma característica pessoal à própria narração e, dessa forma, torna-se mais viável persuadir o leitor.

Convém mencionar ainda que todas as inserções de *Eu, o narrador, sou (nome do narrador)* estão relacionadas ao assunto principal do capítulo. O narrador em primeira pessoa expõe um ponto de vista que pode concordar ou discordar do ponto de vista do narrador em terceira pessoa, que é o narrador do romance.

Mas, todas as inserções em primeira pessoa contribuem para a progressão temática da narrativa e apresentam uma informação relevante que

atende ao propósito comunicativo primordial do romance: narrar a guerra de libertação do ponto de vista dos guerrilheiros angolanos.

Para isso, cada narrador utiliza-se de estratégias únicas de persuasão do leitor. A respeito da persuasão, Ferreira (2015) esclarece o seguinte:

A persuasão leva em conta a dotação humana das faculdades, sentimentos, impulsos, paixões e busca fundir em si três ordens de finalidade:

Docere: ensinar, transmitir noções intelectuais, convencer. É o lado argumentativo do discurso.

Movere: comover, atingir os sentimentos. É o lado emotivo do discurso, aquele que movimenta as paixões humanas.

Delectare: agradar, manter viva a atenção do auditório. É o lado estimulante do discurso, aquele que movimenta o gosto. (FERREIRA, 2015, p.15 e 16)

É interessante notar que todos os narradores em primeira pessoa utilizam em maior ou menor proporção as três ordens de finalidade apresentadas por Ferreira.

O personagem Teoria, por exemplo, faz três inserções – *Eu, o narrador, sou Teoria* – no primeiro capítulo, denominado A missão. Nesse capítulo, os guerrilheiros estão em uma missão bélica no Mayombe. Teoria é o professor do grupo. Ele é mestiço. Por isso, em suas narrações, Teoria busca convencer o leitor sobre a questão de sentir-se deslocado tanto entre negros quanto entre brancos.

Além disso, é notável que Teoria recorre constantemente ao grande amor de Manuela, que ele abandonou para tornar-se guerrilheiro. As lembranças que Teoria guarda de Manuela comovem o público e, concomitantemente, mantém viva a atenção do leitor, pois evidencia o aspecto sensível de um guerrilheiro, conforme é perceptível nos exemplos abaixo:

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? (PEPETELA, 2018, p.14)

Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos me não chamassem negro. Homem, queria ser negro, para que os negros me não odiassem. Onde estou eu, então? E Manuela, como poderia ela situar-se na vida de alguém perseguido pelo problema da escolha, do sim ou do não? Fugi dela, sim, fugi dela, porque ela estava a mais na minha vida; a minha vida é o esforço de mostrar a uns e a outros que há sempre lugar para o talvez.

Manuela, Manuela, amigada com outro, dando as suas carícias a outro. E eu, aqui, molhado pela chuva-mulher que não para, fatigado, exilado, desesperado, sem Manuela. (PEPETELA, 2018, p.18)

Outro exemplo é o personagem Lutamos – *Eu, o narrador, sou Lutamos* – que faz apenas uma inserção no último capítulo, intitulado *A amoreira*. Nesse capítulo, os guerrilheiros realizam contra os portugueses o combate decisivo da missão no Mayombe. A narração de Lutamos localiza-se no início do capítulo, em face da tensão do combate.

Em sua narração, Lutamos inicia tentando manter a atenção e a expectativa do leitor – “Vamos amanhã avançar para o Pau Caído. Missão arriscada, pois ou são eles ou somos nós. O Pau Caído ocupado pelo inimigo representa mais um punhal no povo de Cabinda” (PEPETELA, 2018, p. 235) –, prossegue argumentando sobre a importância da sua presença nesse embate – “Amanhã, no ataque, quantos naturais de Cabinda haverá? Um, eu mesmo. Um, no meio de cinquenta. Como convencer os guerrilheiros de outras regiões que o meu povo não é só feito de traidores?” (PEPETELA, 2018, p. 235) – e finaliza expondo sua amizade pelo Comandante Sem Medo, protagonista do romance e líder dos guerrilheiros:

Entramos no mesmo ano na guerrilha. Eu era o guia, ele era o professor da Base. Não queriam que ele combatesse, davam-lhe os comunicados de guerra para escrever. Até que um dia ele exigiu que o deixassem combater. Nunca mais escreveu os comunicados de guerra, passou a vivê-los.

Estivemos sempre juntos, ele sabe que não o trairei. Mas quantos são os que pensam como ele? (PEPETELA, 2018, p. 235)

2. O narrador sou eu, o Comissário Político:

O epílogo denomina-se *O narrador sou eu, o Comissário Político*. É uma narração que merece destaque, pois concretiza a unidade semântica do romance.

O Comandante Sem Medo e o Comissário Político são chefes dos guerrilheiros do Mayombe. Os dois trabalham em conjunto nas missões de guerra e são amigos pessoais. No transcorrer da história, Sem Medo envolve-se com Ondina, a ex-noiva do Comissário Político. Como ele pretendia reconquistá-la, sente-se traído por Sem Medo. Na sequência, ambos têm que liderar o embate contra os portugueses. Por um erro de estratégia, produzido por um impulso do Comissário Político, Sem Medo morre no combate.

A narração do Comissário Político evidencia as transformações internas pelas quais ele passou em razão da morte de Sem Medo, como o parágrafo inicial apresenta:

A morte de Sem Medo constituiu para mim a mudança de pele dos vinte e cinco anos, a metamorfose. Dolorosa, como toda metamorfose. Só me apercebi do que perdera (talvez o meu reflexo dez anos projetados à frente), quando o inevitável se deu. (PEPETELA, 2018, p. 247)

Conforme Koch & Elias (2016) apontam a respeito dos implícitos na linguagem, pode-se depreender que a narração do Comissário Político visa implicitamente à persuasão do leitor a respeito da veracidade do sentimento dele por Sem Medo. É uma forma de reconciliar-se com o amigo, reconstruir a imagem diante do público e, paralelamente, encerrar um ciclo de vida.

Considerações finais:

Neste trabalho procurou-se demonstrar como as estratégias de persuasão empregadas nos subcapítulos intitulados *Eu, o narrador, sou (nome do narrador)*, do romance *Mayombe*, apresentam diferentes pontos de vista acerca da guerra de libertação angolana. Esses pontos de vista distintos contribuem significativamente para a complexidade do romance.

A partir da análise de trechos desses subcapítulos, é possível compreender com maior clareza que o ponto de vista sustentado pelos

narradores em primeira pessoa é construído de acordo com a etnia e o lugar social ocupado por aquele narrador.

Assim, é evidenciado que o ponto de vista é marcado pelos posicionamentos adotados pelos diferentes narradores do romance.

Referências:

FERREIRA, Luiz Antônio. *Leitura e persuasão*. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore G. Villaça & ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

PEPETELA. *Mayombe*. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

TRUBILHANO, Fábio S. *Retórica clássica e nova retórica nos recursos judiciais cíveis: a construção do discurso persuasivo*. São Paulo, 2013. 365 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.